

O PEY VISTO DO CAMPO : MAL ESTAR NA ESCOLARIZAÇÃO

SÍNTESE E RECOMENDAÇÕES

WORKING PAPER

BRUCE ALBERT (IRD)

CONTEXTO

O PEY tem, em sua origem (1998 no que tange ao financiamento via RFN), um projeto de sustentação de escolas em língua yanomami por professores não-indígenas (o Projeto de Educação Intercultural-PEI da CCPY). A partir de 2001 passou a ter essencialmente dois componentes: 1) um programa de formação de professores Yanomami (com cursos intensivos na TIY)¹ visando o reconhecimento das escolas yanomami pelas Secretarias de educação regionais (RR, AM); 2) um programa de acompanhamento pedagógico em campo destas escolas por assessores não-yanomami (os ex-professores), associado a uma produção de material didático em língua yanomami. De 2001 a 2006 os esforços do PEI tentaram se manter equilibrados entre estes dois componentes com resultados satisfatórios.

Entretanto, nesse período, a demanda escolar na TIY começou a aumentar significativamente. De três regiões iniciais (Demini, Toototobi, Parawau) o PEI se expandiu para o Homoxi e o Alto Catrimani (2000), bem como para o Paapiu/Kayanu (2002) e Auaris (2005). Em 2004 se criou a Hutukara (HAY) que também começou a ser uma nova e crescente fonte de demandas diversas para o projeto (capacitação, apoio à redação de projetos, etc.). Em 2005 o PEI mudou de coordenadoria. Em vista da acumulação de trabalho, se tentou uma experiência de dupla coordenadoria

¹ Pré-cursos de formação de professores yanomami tinham começado a surgir em 1998 porém em nível regional e de curta duração (máximo de 15 dias).

(campo/cidade) que não chegou a funcionar. Voltou-se, então, a uma coordenadoria única, sobrecarregada, desde o início, pelo acúmulo de tarefas.

Em 2006 a CCPY enfrentou uma crise institucional e financeira que desembocou na mudança de sua diretoria e transferência da sua sede de Brasília para Boa Vista. O PEI teve que se adaptar a uma significativa redução de seu orçamento e a uma conseqüente diminuição de sua equipe de campo enquanto a carga de atividades não parava de crescer. Não se realizou, nesse ano, curso de formação dos professores. Em 1999 o quadro do PEI era de seis assessores experientes (então professores) trabalhando de 52 a 68% do seu tempo no campo. Em 2007 era composto de três assessores contratados naquele mesmo ano e o acompanhamento pedagógico em campo ficou reduzido a uma única viagem (cerca de três semanas), limitada a cada uma das áreas “históricas” do PEI (Demini, Toototobi, Parawau)². A partir desse mesmo ano o PEI passou a priorizar os cursos de formação de professores yanomami em Boa Vista, bem como os trâmites político-burocráticos para o registro das escolas yanomami, do magistério Yarapiari e a contratação dos professores. Em janeiro de 2009 o PEI passou, sem mudanças de estratégia e financiamento, para o ISA como PEY (Projeto de Educação Yanomami). Em 2009 o PEY teve novamente uma redução de seu financiamento.

SITUAÇÃO ATUAL DAS ESCOLAS E DO PEY

As novas prioridades do PEI/PEY tiveram um impacto negativo sobre o destino das escolas yanomami nas diversas regiões, gerando uma preocupante situação encontrada durante a avaliação no campo, que podemos resumir nos seguintes pontos (para uma visão mais detalhada e complexa de cada região, ver o diagnóstico a seguir pp. 6-33) :

- O PEI/PEY sofre desde 2006 de uma desproporção crescente entre a diversidade de suas atividades (formar turmas de professores, monitorar escolas, oficializar o magistério Yarapiari, apoiar a HAY), a abrangência de

² Parte dos recursos financeiros do acompanhamento em campo foi realocado também para o curso de formação dos professores.

sua presença em campo (em 7 regiões) e as limitações de seus recursos financeiros e humanos. No inevitável processo de priorização de certas atividades em detrimento de outras, foi optado por reduzir o acompanhamento das atividades docentes dos professores yanomami em campo e priorizar a regularização das escolas no sistema de ensino brasileiro, assim como a formação dos professores através dos grandes cursos de formação.

- Houve, portanto, entre 2007 e 2011, uma queda drástica do acompanhamento pedagógico das escolas (e da produção local de material didático) enquanto os cursos de formação de professores foram intensificados, sendo que uma parte crescente dos esforços do PEI/PEY ficou absorvida pelos requisitos burocráticos da SECD (contratação dos professores, registro das escolas, oficialização do magistério Yarıpiari, organização dos documentos para a futura certificação dos professores).
- Neste processo, três regiões do projeto foram “abandonadas” em 2009-2010 : Alto Catrimani e Kayana u não têm acompanhamento desde 2009, Parawau, uma das regiões do “núcleo histórico”, não recebe visita do PEY desde 2010. De acordo com os assessores do PEY, as escolas pararam de funcionar nessas três áreas. Esta informação foi confirmada no caso do Parawau pelo professor Rafael (17/10/2011, escala da avaliação em Parawau).
- Nas quatro outras regiões do PEY visitadas pela assessoria, a maioria das escolas está praticamente paralisadas, algumas já há alguns anos. Os professores, especialmente os professores contratados, não dão aulas ou muito pouco
- Enquanto isso, a SECD, que deve assumir as escolas Yanomami, se revelou ineficiente, morosa e labiríntica, dando aos professores yanomami e a seus alunos uma impressão de descuido e negligência que, somada à redução das assessorias pedagógica do PEY no campo, deve ter parecido um tanto quanto desencorajadora. De fato, entre o retraimento do PEY e a falta de engajamento (prometido e nunca realmente efetivado) da SECD, os

professores e os alunos das escolas devem ter a sensação de ter entrado numa zona cinzenta altamente desestimulante.

- Em tal contexto, no qual a realidade do campo fica cada vez mais oculta por debates sobre um universo escolar yanomami “de papel”, os jovens professores passaram a considerar suas contratações como troféus pessoais e seus cursos de formação como horizonte último de seus deveres educativos. Ainda insuficientemente formados (sobretudo para dar aula) e meio “abandonados” em campo, eles estão perdendo o foco de suas responsabilidades para se preocupar cada vez mais em como gastar sua renda salarial (R\$ 1218 mensais) em Boa Vista ou em viagens por rio até Barcelos e em como driblar as crescentes demandas (redistribuição, casamentos, trabalhos, aulas) dos seus parentes na aldeia. Assistimos, assim, paulatinamente, a formação de uma casta de professores sem escolas, cujo maior impacto na sociedade yanomami será provavelmente a transmissão aos mais novos de um péssimo exemplo de consumismo e de desvalorização da cultura tradicional.
- Por sua vez, os alunos – especialmente de EJA -, com aulas muito ocasionais, falta de material escolar, falta de novo material pedagógico, ausência de aulas em português, pouca capacitação dos professores – também começam a perder fé na escola e em suas lideranças. Além disso, ficam particularmente frustrados pelo fato de que estudar não oferecerá para eles as mesmas oportunidades que ofereceu para a geração anterior, a qual ocupa agora todas as vagas disponíveis do mercado de trabalho interétnico (AIS, professores, quadros da HAY).
- Portanto, a transmissão da cultura escrita em língua materna para os jovens yanomami (trabalho ao qual o PEI/PEY dedicou mais de 15 anos), encontra-se hoje seriamente ameaçada pelo declínio das escolas na área. Assim, se estas escolas não forem capazes de se reerguer e de responder às expectativas das novas gerações, estas serão rapidamente entregue ao analfabetismo e ao ilusório desejo de “virar branco” que os próprios professores do PEY terão contribuído a introduzir nas aldeias.

- *Last but not least*, deve se notar também que os quadros atuais mais experientes do PEY - sua coordenadora e uma assessora com 4 anos de trabalho em área - vão deixar o projeto no primeiro semestre de 2012. Sobrará então no PEY um único assessor, contratado em 2011, e o tempo para transmissão da experiência acumulada pelo projeto nas diversas regiões da TIY para eventuais novos contratados será muito reduzido. (O outro assessor de campo do ISA/RR, também recrutado em 2011, está envolvido no projeto de Gestão Territorial).

RECOMENDAÇÕES GENÉRICAS (PONTOS PARA DEBATE) :

- Sobretudo não pensar que a passagem para a SECD significa “missão cumprida” para o PEY³. A rede de 32 escolas reconhecidas por decretos e a atuação dos 28 professores contratados, pelo que vimos no campo, parece, em grande parte, mais uma ficção burocrática do que uma realidade consolidada. A realidade é que as escolas não funcionam nas aldeias e que os professores estão ainda muito pouco preparados ética e profissionalmente para desempenhar suas tarefas. Deste modo, longe de “objetivos realizados” estamos face ao começo de um novo desafio, provavelmente maior do que o anterior. Deve-se agora ajudar os professores a inventar novas escolas para os jovens Yanomami hoje envolvidos num intenso processo de mudança cultural. Os jovens em questão não são somente os atuais alunos de EJA, mas, sobretudo, o contingente das gerações subsequentes, do EF, que começam a se formar. A população yanomami mais nova (0-14 anos) está num processo de acelerado crescimento demográfico, representando, por exemplo, 44% da população no Demini, 46% no Toototobi, 52,5% no Papiu e 52% em Auaris.

³ Sobretudo que o Conselho Estadual de Educação de Roraima ainda não reconheceu o magistério Yarapiari, nem certificou os professores yanomami formados em 2009, nem autorizou o funcionamento oficial das escolas Yanomami.

- Diante do observado em campo durante a avaliação, existe hoje, inegavelmente, a necessidade de continuidade do PEY, porém de um PEY repaginado e concentrado no campo. Este novo PEY deveria ter como objetivo fundamental contribuir a aprimorar a formação dos professores yanomami *in loco*, para que estejam mais preparados a enfrentar suas responsabilidades pedagógicas e as demandas e ansiedades dos seus alunos, presentes e futuros.

- As reflexões sobre este novo objetivo deverão considerar três pontos: 1) não somente a necessidade de um projeto de formação pedagógica renovada dos professores yanomami em campo, mas também; 2) a necessidade de apoiar professores e alunos avançados no fomento da produção local de novos conteúdos tanto para as escolas (material didático escrito e audiovisual, em Yanomami e Português), quanto a partir destas escolas (pesquisas auto-etnográficas de valorização político-cultural destinadas a um público externo); 3) enfim, a necessidade de repensar a hegemonia do formato “uma escola/uma aldeia” em função das realidades sócio-geográficas e demográficas de cada região.

- Este novo PEY deveria ser concebido prioritariamente como uma parceria HAY/ISA e não ser considerado um “serviço externo” do qual os Yanomami não assumem plenamente a responsabilidade. Ele deveria também redefinir a âmbito de sua presença na TIY (onde ?), em função de recursos financeiros e humanos condizentes (com que meios e que equipe ?) e em função de objetivos mais focalizados (para que metas ?).

- Enfim, a continuidade da gestão do diálogo político-burocrático com a SECD (contratações, censo escolar, cursos, etc.) deveria ser transmitida para a divisão de educação da HAY (que já está muito ativa neste ramo, sob a responsabilidade, até o presente, do ex-professor Enio do Toototobi). Para que isto seja realista, deveria se considerar o apoio à HAY no recrutamento de um funcionário/assessor especializado encarregado de reforçar este setor na entidade.

O PEY VISTO DO CAMPO : MAL ESTAR NA ESCOLARIZAÇÃO

**DIAGNÓSTICO DAS ESCOLAS YANOMAMI DE DEMINI, TOOTOTOBÍ, PAAPIU E AUARIS
(OUTUBRO DE 2011)**

WORKING PAPER

BRUCE ALBERT (IRD)

Introdução

O roteiro de avaliação proposto pela equipe do PEY previa uma visita de campo em quatro áreas da Terra Indígena Yanomami (TIY) : Toototobi (AM), Demini (AM), Paapiu (RR) e Auaris (RR). Esta visita foi realizada nas seguintes datas : 15 e 16/10 no Toototobi, 17 e 18/10 (manhã) no Demini, 18 (tarde) até 20/10 no Paapiu, 20 (tarde) e 21/10 Auaris.

Estas visitas foram preparadas através de uma longa reunião com a equipe do PEY dedicada às realidades de campo de cada área (13/10) e através de entrevistas com alguns professores ou ex-professores Yanomami de três das quatro áreas presentes na sede da Hutukara Associação Yanomami (HAY) dias 13 e 14/10: Morzaniel (um dos primeiros alunos da escola do Demini em 1997, agora Agente Indígena de Saúde-AIS e coordenador do Ponto de Cultura Indígena do Demini), Dário (ex-professor da escola do Demini e hoje figura central da HAY), Geraldo (um dos primeiros alunos da escola do Demini em 1995, hoje AIS no Toototobi), Genivaldo (professor do Paapiu), Enio (ex-professor da escola de Rasasi-Toototobi, hoje coordenador de educação da HAY).

Antes de abordar o diagnóstico das escolas das regiões visitadas deve se notar que estas quatro regiões não constituem uma amostra selecionada entre as sete áreas de atividades do PEY de 2001 até 2011. Em realidade, trata-se das quatro regiões onde acabou se concentrando nestes últimos anos o essencial do trabalho de acompanhamento pedagógico⁴ local da equipe do PEY. De fato, três das

⁴ Ver o “Guia de acompanhamento às escolas” CCPY-PEI (2001) e sua check-list pormenorizada das atividades dos assessores do PEY.

sete áreas iniciais do projeto (Demini, Toototobi, Parawa u, Paapiu, Kayanau, Homoxi e Alto Catrimani) ficaram, neste período, sem acompanhamento in loco : Parawa u teve seu último acompanhamento em 2010, Kayana u e Alto Catrimani em 2009⁵. Já a área de Homoxi foi abandonada em 2005 pelos Yanomami que voltaram para a Venezuela, inviabilizando a intervenção do PEY na região⁶. Por outro lado, o trabalho em Auaris, após um acompanhamento preliminar em 2005 (planejado para avaliar a possibilidade de dar continuidade ao trabalho educativo da URIHI Saúde Yanomami na área), começou a se realizar anualmente a partir de 2008.

A retração do PEY no perímetro das quatro regiões visitadas teve, de acordo com a equipe do projeto, várias razões: diminuição do financiamento do PEY e, portanto, redução de metade do quadro dos assessores a partir de 2007; redução da disponibilidade dos assessores para o campo devido ao esforço concentrado para a finalização da formação dos professores do magistério Yarapiari e cobrir parte da considerável carga burocrática exigida pela SECD para a regularização das escolas Yanomami e Magistério Yarapiari; retomada das invasões garimpeiras e problemas sociais decorrentes em áreas como Kayana u e Alto Catrimani.

Finalmente, para apreciar a diversidade dos impactos do trabalho do PEY nas quatro áreas visitadas deve-se frisar a diferença temporal do envolvimento local do projeto em cada uma delas (do tempo da CCPY ao tempo do ISA) bem como a importância demográfica relativa de suas populações. Assim, a escola do Demini é a primeira a funcionar no PEY, a partir de 1995 e atende hoje duas aldeias que contam com uma população de 173 pessoas. Desta primeira escola provem também os primeiros professores das escolas da região do Toototobi a partir de 1997. Esta última área conta hoje com uma população de 635 pessoas repartidas em 10 aldeias (oito com escola).

O PEY começou a trabalhar no Papiu mais tardiamente, em 2002, após uma experiência pedagógica realizada a partir de 1997 sob responsabilidade da Diocese de Roraima em colaboração com a ONG francesa Médicos do Mundo-MDM⁷. Esta região conta hoje com uma população de 327 pessoas dispersa em 12 pequenas aldeias, após vários episódios de conflitos locais. Vimos que o trabalho em Auaris se

⁵ Entretanto, representantes de Parawau, Kayanau e Alto Catrimani continuaram participando de atividades do PEY em Boa Vista até o começo de 2011.

⁶ Dois professores de Homoxi continuaram participando de atividades do PEY em Boa Vista até 2008.

⁷ A mesma educadora, M.E. de Brito, trabalhou para a CCPY em 1995-96 no Demini e a partir de 1997 no Paapiu, desta vez, pela Diocese de Roraima.

iniciou em 2005 (após a saída da ONG de saúde URIHI em 2003, ligada a CCPY) e se tornou um pouco mais regular em 2008. Além disso, Auaris é uma região muito mais populosa : 2 406 pessoas repartidas em 31 comunidades, ou seja mais que o dobro da população das três outras áreas atuais de atuação do PEY (1 135 pessoas) e até bem superior à população das seis regiões atendidas até 2009 (1 135 + Parawa u/456, Kayana u/120, Alto Catrimani/190 = 1 901 pessoas).

Dados estes elementos iniciais sobre nossa visita e a abrangência (geográfica, temporal e demográfica) do PEY em campo, vamos às observações sobre o funcionamento das escolas e sobre seu impacto efetivo na capacitação e na vida dos jovens yanomami. Seguiremos nesse diagnóstico a ordem cronológica da intervenção regional do PEY, começando por seu “núcleo histórico” (Demini e Toototobi), seguido por Papiu e Auaris.

Demini

Contexto histórico

Como mencionado, a escola do Demini é o local origem do PEY, a pedido de Davi Kopenawa, e de todas as experiências pedagógicas subseqüentes da CCPY e do ISA na TI Yanomami desde 1995. Nesta data foi inicialmente contratada pela CCPY a educadora M.E. de Brito que tinha experiência nesta função por ter trabalhado 7 anos na área da Missão Catrimani. Assim, durante 1995 e 1996 foi elaborado no Demini (então com 101 pessoas) o primeiro material didático em língua *yanomae* e foi formado o primeiro grupo de alunos do projeto. Este trabalho foi retomado em 1997 por Marcos W. de Oliveira, novo coordenador do programa de educação da CCPY, e por Lída M. de Castro que assumiu em 2005 esta coordenação; função que mantém até hoje.⁸ O financiamento da RFN e dos estudantes noruegueses (OD) permitiu ampliar este projeto piloto a duas novas áreas a partir de 1998 (Toototobi e Parawa u).

Nesses anos pioneiros, o pequeno grupo de alunos avançados da escola do Demini passou a fornecer os primeiros quadros interétnicos na TI Yanomami de Roraima. Assim, Geraldo (nascido em 1969, hoje no Toototobi) e Joseca (1971),

⁸ Ambas equipes contaram, desde 1995, com a assessoria do autor do presente relatório.

“ajudantes” da escola da educadora M.E. de Brito, tornaram-se os primeiros microscopistas e AIS yanomami da área, recrutados depois pela URIHI, enquanto Dario (1982), Anselmo (1985) e Morzaniel (1980), “ajudantes” da escola do Marcos e da Lidia, tornaram-se professores (os dois primeiros) ou microscopista/AIS (o terceiro) e posteriormente acabaram assumindo diversas funções importantes nas atividades políticas e culturais da HAY bem como nas relações com a administração do Distrito de Saúde Yanomami da FUNASA/SESAI e da Secretaria da educação de Roraima.

Situação atual

Os professores:

Quatro jovens yanomami do Demini participaram aos cursos do magistério Yarapiari desde 2001: Dário Vitorio (nascido em 1982), Anselmo (em 1985), Eudes (1982) e Daniel (1984, falecido em 2007). Dario e Anselmo, professores contratados pela Secretária de educação de Roraima, renunciaram a seu contrato para seguir outras atividades, o primeiro em 2007 (trabalho na HAY) o segundo em 2010 (trabalho na FUNASA-SESAI e na SECD). Ambos são também hoje estudantes universitários, o primeiro em gestão territorial (Universidade federal de Roraima) o segundo em direito (Faculdade Cathedral de Roraima). Da primeira “geração Yarapiari” (nascidos no início dos 1980) permanece somente em função o professor Eudes, que trabalha na escola do Demini com jovens da geração escolar seguinte (nascidos no final dos 1980 e começo dos 1990).

Posteriormente, Junior e Oneron foram escolhidos como professores auxiliares pela comunidade em 2007 e ingressaram na segunda leva da formação do magistério Yarapiari em 2008. Junior (nascido em 1989) acabou sendo contratado no lugar de Anselmo (seu cunhado). Oneron (nascido em 1988) trabalha como professor voluntário⁹ na alfabetização das crianças, como é o caso de Ehuana (nascida em 1984), única mulher do quadro, formada na própria escola do Demini, e escolhida pela comunidade em 2009. Eudes e Oneron se encarregam da turma dos

⁹ Os professores contratados recebem um salário de 1218 R\$ líquido e repassam uma parte dos seus salários para os professores auxiliares (“voluntários”).

jovens e adultos (EJA) pela manhã e Junior e Ehuana ensinam as crianças do ensino fundamental a tarde (EF).

O funcionamento da escola :

O acompanhamento pedagógico da escola do Demini pelos assessores do PEY teve um forte decréscimo a partir de 2007 (redução do quadro de assessores além de outras razões mencionadas acima). De 2001 a 2006 este acompanhamento que era feito três ou pelo menos duas vezes por ano, com uma média de dois meses anuais (68 dias) de presença em campo, passou para um único acompanhamento anual e uma média de 21 dias em campo¹⁰.

Dias de acompanhamentos :

DEMINI	
2001	90
2002	45
2003	65
2004	79
2005	63
2006	65
2007	22
2008	10
2009	33
2010	14
2011	26
Total	512

Constatou-se, também, uma redução do número de aulas e do empenho dos professores em suas atividades docentes. Os relatórios de campo do PEY para o Demini apontam, assim, desde 2009, para uma queda drástica do número de dias de aulas dadas: aproximadamente 3 semanas de aulas anual para o professor contratado.

¹⁰ Um segundo período de 13 dias será provavelmente efetuado em novembro de 2011, após esta avaliação.

2008:

Anselmo e Eudes: 99 dias de aulas (único dado disponível)

2009:

Eudes, Anselmo (e Marciene, esposa Makuxi do Anselmo) : 125 dias de aula

Oneron, Junior, Ehuana : 119 dias de aula

2010

Eudes : 25 dias de aula

Oneron : 42 dias

Junior : 34 dias

Ehuana : 15 dias

2011 (até julho, sem dados para o segundo semestre)

Eudes e Oneron : 25 dias de aula

Junior : 38 dias

Ehuana: 38 dias

Os dados fornecidos pela coordenadoria do PEY são diferentes (porque ?)¹¹, mais apontam na mesma direção :

	Anselmo	Eudes	Junior
2008	108	108	136
2009	X	33	42
2010	X	X	X
2011	X	X	X

<i>Oneron</i>	<i>Ehuana</i>
136	não lecionava
33	42
X	X
X	X

X= sem dados até o momento da finalização deste relatório (5/12/2011).

Sabemos que o ritmo das atividades tradicionais (atividades de subsistência e extrativismo, cerimônias funerárias e caçadas coletivas) ou das mobilizações políticas das comunidades impõe um ritmo escolar diferenciado na TI Yanomami. Sabemos também que os 200 dias letivos exigidos pela SECD são, nas atuais condições socioculturais atuais dos Yanomami, fora de alcance. Porém cerca de 3 semanas de aula por ano equivale a uma quase paralisação das atividades escolares.

¹¹ A compilação destes dados foi realizada pela coordenadoria a pedido da avaliação, após a visita de campo.

O número de alunos mencionado nos relatórios de campo mostra um quadro relativamente estável (a redor de 50 alunos), apesar de estes dados tornarem-se um tanto “teóricos” em vista dos poucos dias de aulas ministradas e da ausência de dados de freqüência efetiva da escola. Não achamos informações para o período 2010-2011 nos relatórios de campo. Entretanto, Morzaniel, evocando o crescente esvaziamento da escola, nos listou em entrevista o abandono recente de pelo menos 14 alunos de EJA.

2008 : 22 alunos EF, 30 alunos EJA

2009 : 30 alunos EF, 21 alunos EJA

Total : 51/52 alunos

Proficiência na escrita:

A alfabetização da população da comunidade (174 pessoas) pode ser avaliada em 5 níveis de proficiência na escrita¹², sendo que, com 20% da população com alfabetização consolidada, Demini é a aldeia mais avançada em nível de escolarização entre as áreas do PEY:

Níveis

5	35(20,11%)
4	11
3	21
2	35
1	72
Pop. total	174

Nível 5 - escreve bem

4 - escreve uma pequena carta (meia página) :

3 - escreve frases

2 - escreve palavras

1 - não escreve nada

¹²Levantamento de A.M. Machado, 2011 a pedido dos avaliadores.

Cerca da metade da população do Demini que se encontra na faixa etária de 20 a 40 anos apresenta um nível 5 de alfabetização. A proporção mais elevada de alfabetizados neste nível encontra-se entre na faixa dos 25-29, nascidos entre 1982 e 1986 (quase 79%) e na faixa dos 20-24 (53%), nascidos entre 1987 e 1991 (faixas etárias dos professores que fazem parte da segunda turma do Magistério Yarapiari). Trata-se, para estas faixas etárias, da proporção mais elevada de alfabetizados em nível 5 das 4 regiões visitadas pela avaliação.

Entretanto, as proporções de alfabetizados em nível 5 nas faixas etárias dos 15-19 anos (nascidos entre 1992 e 1996) e dos 10-14 anos (nascidos entre 1997 e 2001) no nível 5 : respectivamente 21 % e 0 %, representam as porcentagens mais baixas das 4 regiões, o que parece indicar um enfraquecimento na transmissão da escrita para esta geração escolar (alunos de EJA). Finalmente, na faixa dos 0-9 anos (alunos de EF), no nível incipiente de alfabetização marcado pelo nível 2, a proporção é de 31 %, novamente mais alta que nas outras áreas visitadas.

Problemas identificados: baby boom e mudança social

Os relatórios dos assessores de campo confirmam, nos últimos anos, o declínio da motivação do professor contratado e o desencanto dos jovens e adultos (ao contrário das crianças) para a escola em língua yanomami nos moldes do PEY. Neste sentido, podemos ler no relatório de campo de julho de 2011 (A.M. Machado): *“(...) é visível o crescente desinteresse da comunidade pela escola, que é sempre colocada como espaço do professor, não da comunidade. Eudes, o professor mais antigo da escola, deu poucas aulas este ano, sua postura é de estar apenas “encostado” no salário de R\$ 1218,37 mas sem motivação para continuar trabalhando na escola”*. O professor Eudes sempre foi um professor escrupuloso, e o relatório citado esclarece as causas da sua desmotivação: *“Ao conversar com Eudes sobre o enfraquecimento da escola, ele diz que os alunos querem aprender somente português e não querem ir à aula para aprenderem temas repetidos.”*¹³

Esta situação de resignação docente e de enfraquecimento da escola do Demini é confirmada pelas entrevistas de seus antigos alunos (como Morzaniel e

¹³ Porém, inversamente, alguns de seus alunos avançados apontam para a insuficiência de sua formação pedagógica: *“Ele sabe como os alunos, por isso não aprendemos com esta escola.”* (A.-M. Machado, comunicação pessoal).

Dário) : “a escola está caindo, daqui uns 2 ou 3 anos vai acabar mesmo” (Morzaniel), “agora está muito difícil, a escola não funciona bem, os alunos estão largando, a escola está fraca” (Dário). Ambos tem o mesmo discurso nostálgico sobre o período áureo dos começos da escola, remetendo esta situação de declínio, como os assessores do PEY, a um problema maior: a dinâmica acelerada de mudança social e cultural sustentada pelo contingente demográfico importante da juventude yanomami dos 15 a 24 anos (nascidos entre 1987 e 1996, alunos de EJA) que representa quase 21% da população da comunidade.

Assim, Morzaniel, AIS e responsável do Ponto de Cultura/Minc do Demini (desde fim de 2009) nós descreveu longamente na sede da HAY, com certa preocupação, o fato dos mais novos (do tempo “*depois da chegada dos napë pë/Branco*”) terem perdido o interesse pelo modo de vida e pela cultura dos mais velhos (em uso “*antes dos napë pë*”). Os sonhos desta juventude, em grande parte “pós demarcação” (1992), são, portanto, dominados pelo desejo de “virar Branco” e pelo consumismo associado a sua idade: aparelhos eletrônicos (leitores de DVD, MP3, máquinas fotográficas e gravadores digitais), música local, roupas (bermudas e tênis da moda). Em matéria de educação perderam o interesse em estudar na aldeia e em língua yanomami, querem sair para estudar na cidade, em português (língua que os professores do Yarapiari não sabem ensinar) : “*não querem mais aulas de yanomae, querem assistir DVD de Branco*”.

Este intenso desejo de mudança social e cultural está criando um conflito geracional cada vez mais sensível no Demini. Aliás, deve ser notado aqui que tal conflito, que começou anos atrás entre os mais velhos, fundadores da comunidade, e os “ex-mais novos” (nascidos nos setenta e, sobretudo, no começo dos oitenta), tende hoje a se trasladar e a se radicalizar entre a geração dos 30-40 anos, pioneiros da formação dos AIS e do projeto Yarapiari, e os mais novos, muito mais numerosos (os 10-24 anos representam 31 % e os 0-9 anos 33% da população da comunidade).

Agora, invertendo a perspectiva, se damos atenção à fala desta “juventude rebelde” – e não mais à narrativa nostálgica dos mais velhos que os culpam pela “queda da escola” - constatamos que a escola atual, pensada para a “geração Yarapiari”, não tem, de fato, muito a oferecer aos mais novos. Aliás, foi provavelmente neste vácuo de propostas educativas adaptadas às suas competências e expectativas específicas, que a sedução do “virar Branco” tornou-se,

para eles, uma ilusão tão perniciosa. Pedimos justamente, na escola do Demini, a Nilson (irmão do Junior, nascido em 1992), representante dos jovens descontentes, de nos explicar melhor sua insatisfação com a escola. Suas observações podem ser resumidas e parafraseadas assim: *“Já estudamos muitos anos na língua yanomae e matemática, agora não tem material novo para estudar e ler. Sabemos ler um pouco de português e falar pouco. Queremos aprender a falar melhor e escrever o português para aprender outras coisas. Agora somente estudando fora da aldeia poderemos aprender mais. Para que ter estudado todo este tempo, porque ter ficado esperto para nada? Assim não dá! Os mais velhos estudaram e tiveram trabalho, salários. Nós não temos nada.”*

A fala de Nilson aponta assim claramente para duas causas de desinteresse dos mais jovens pela escola: 1) a falta de conteúdo novo (material didático em *yanomae* já obsoleto) e de matérias novas (português, outras) – queixa correspondendo às observações do professor Eudes mencionadas acima; 2) a falta de perspectiva social/profissional a partir do ensino dispensado. Resumindo: estudos limitados, repetitivos e inúteis. De fato, com a hiper focalização do PEY sobre o a formação teórica dos professores na cidade através de grandes cursos e seu relativo desinvestimento do campo a partir de 2007:

1- a produção local de material didático em *yanomae* foi diminuindo e empobrecendo (os professores contratados, com pouco acompanhamento em campo, não conseguiram repassar eficientemente as temáticas dos seus cursos de formação): os alunos de EJA atuais só tem para estudar um material em *yanomae* já usado e reusado, dando a impressão de ficar numa repetição sem perspectiva intelectual. [O material didático antigo só serve agora para os alunos de EF¹⁴, os quais continuam a freqüentar a escola com certo entusiasmo...].

2- a geração anterior de ex-alunos(“geração Yarapiari”) ocupou todo o mercado de trabalho interétnico acessível. A primeira leva nascida nos 1970 foi para a saúde, atraída pela criação da URIHI em fim de 1999), a segunda (primeira metade dos anos 1980) foi para a educação e para a HAY : os alunos de EJA atuais. Sem perspectivas, tem, portanto, impressão de ter estudado “à toa”.

¹⁴ Ainda que muito do material didático antigo nem é reproduzido pela equipe do PEY para circular em campo por razões técnicas (incompatibilidade de formatos informáticos) que certamente poderiam ser facilmente superadas.

Esta situação é analisada com lucidez num relatório de campo do PEY de julho de 2010 (A.M. Machado): *“A escola do Watoriki (Demini) atende uma turma de jovens que há anos estudam e possuem um vasto conhecimento em relação a diversas temáticas, eles têm o crescente interesse em estudar cada vez mais a língua portuguesa. Alguns alunos estudam por conta própria com a ajuda de livros didáticos e desejam ter mais acesso a novas tecnologias, empregos e meios de realizar viagem à Boa Vista esporadicamente como fazem os professores e AIS.”*

Confrontados às queixas dos alunos de EJA, a “geração Yarapiari” – a única parecendo querer sem ambigüidade a continuidade da escola¹⁵ - encontra-se, de maneira crescente, numa posição incomfortável. Diante da intensidade das mudanças (sobretudo nestes 3 últimos anos) culpam os mais novos de querer “virar Brancos”, de desprezar a cultural tradicional, e de abandonar a escola na própria língua. Prezam com nostalgia a escola pioneira que os formou inicialmente no campo, permitiu-lhes de aceder rapidamente a cargos, bolsas e salários, oportunidades de viagens à Boa Vista e outras cidades mais distantes, chance para apreenderem a falar bem o português (CCPY, URIHI, FUNASA/SESAI, SECD, HAY) e, agora, por alguns deles, de se tornar estudantes universitários. Os alunos de EJA, por sua vez, retrucam que foram eles - a “geração Yarapiari” – que, com seus salários e viagens, importaram na aldeia “modas dos brancos” e objetos industrializados e, assim, geraram tudo este interesse pelo modo de vida da cidade entre os jovens, incentivando o processo de mudança que hoje criticam¹⁶. Fazem observar, novamente com certa propriedade, que vários ex-professores vivem essencialmente na cidade e que lideranças (como o Davi), ex-professores (como Anselmo) ou AIS antigos (como Geraldo) colocam hoje seus filhos ou irmãos em escolas da cidade e não na escola da aldeia. Enfim, apontam para a mesma contradição da “geração Yarapiari” quando lembram que seus membros querem limitar o uso de aparelhos digitais na aldeia pelos jovens enquanto eles mesmos os usam constantemente, tendo sido ainda seus introdutores.

¹⁵ . Dário, se preocupa muito pelo fato que a HAY luta pelo reconhecimento enquanto as escolas da floresta se esvaziam, ariscando colocar em perigo todo o projeto de educação yanomami pelo qual se trabalhou desde o fim dos anos 1990. Morzaniel, por sua vez declarou: *“Se acabar e voltar como antes quando não tinha, se acontecer isso vou ficar triste e preocupado, porque a escola chegou e agora deve continuar. Penso que deve continuar para as crianças.”*

¹⁶ De fato, a “geração Yarapiari”, protegida e financiada por instituições indigenistas na cidade, transmite para os mais novos uma imagem idealizada e distorcida de *play boy living* entre os Brancos; imagem totalmente contraditória com as realidades que seus pais tiveram de enfrentar para conquistar terra, saúde e escola para eles desde os anos 1970.

Por seu lado, os *pata thë pë* (os “velhos”)¹⁷, ficam em via de marginalização nesta discussão. Constatam, com preocupação, que a escola que eles queriam para que seus filhos possam defender sua terra, cuidar de sua saúde e constituir um vetor de articulação social/econômico eficaz com os Brancos, acabou virando, muitas vezes, um fator de perda cultural acelerada e de mudanças sociais indesejáveis – resumindo: uma “deseducação yanomami”. Consideram, com certa amargura, o desinteresse dos mais jovens para com sua cultura e sua falta de compromisso com a comunidade. Eles reclamam, com uma crescente resignação, da “preguiça” dos jovens que não tem roça e não caçam, da sua mania de imitar os Brancos, de se “grudar” neles e nos seus objetos, de não redistribuir a renda dos seus salários em benefício de suas parentelas (professores e AIS).¹⁸ Ficam se perguntando se as coisas boas que trouxe a escola, como o apoio à luta política (quadros da HAY) e o envolvimento ativo nas questões de saúde (AIS), compensa mesmo as “coisas erradas” que vieram com ela da cidade e que agora estão impactando fortemente as novas gerações: DST, consumismo, modismos fúteis de Branco, egoísmo e diferenciação social. Alguns chegam até a pensar que hoje, tal vez, fosse melhor acabar com a escola para as coisas não saírem definitivamente de controle.

Para concluir, tudo deixa pensar que a geração pós-Yarapiari constitua hoje o maior desafio para a continuidade da escola do Demini e da alfabetização em *yanomae* na região (e, mais fundamentalmente, para a continuidade da cultura e da língua *yanomae*). A crescente insatisfação destes jovens em face da situação “sem saída” na qual se sentem hoje afunilados pela defasagem pedagógica e social da escola na aldeia está, sem dúvida, na origem do seu discurso cada vez mais negativo tanto sobre a tradição quanto sobre a escolarização na própria língua. Tal situação pode levar não somente a acelerar as mudanças culturais já em curso, mas também a criar sérios problemas sociais. Assim, alguns dos meninos descontentes do Demini já optaram por “fugir” da aldeia (como Gabriel, filho do Lourival, nascido em 1995, e Leandro, filho do Pedro, nascido em 1991, e outros não demorarão em seguir este caminho, temporariamente ou definitivamente). Seu destino: a aldeia de

¹⁷ Lourival, Antonio, Lucas, Justino, Isligue, Carlos e Davi com os quais tive muitas conversas sobre o assunto.

¹⁸ No Demini há 2 professores contratados (salário de R\$ 1218 líquido) e 3 AIS (salário de R\$ 600).

Ajuricaba¹⁹, fortemente influenciada pela cultura ribeirinha regional, e, depois, a pequena cidade de Barcelos (AM), onde pretendem experimentar diretamente o mundo dos Brancos: aprender português, ver TV, trabalhar e ter salários, comprar mercadorias (*matihipë*) e... tentar conseguir aposentadorias rurais para seus pais.

Toototobi

Contexto histórico

As primeiras escolas de Toototobi nasceram do projeto educativo da CCPY através da formação experimental de alfabetizadores do Toototobi na escola do Demini entre 1995 e 1997. A criação “à distância” destas escolas (na falta de recursos da CCPY para assumir a presença de professores não-yanomami na região) foi decidida pelas lideranças do Toototobi numa assembléia em setembro de 1995 (maloca do Totô). Quatro rapazes foram selecionados: Gerson (filho do Totô; nascido em 1976), Geraldo (cunhado do Davi casado no Kokoi u, hoje Rasasi; nascido em 1969), Rogel (filho do Fialho, então no Koikoi u, hoje em Kaxitao; nascido em 1975) e Lourenço (filho do Luixi do Pia u; nascido em 1967). Abriram assim escolas em suas aldeias, e, com muito entusiasmo, iniciaram uma onda de alfabetização na região²⁰.

A aldeia de Kokoi u (hoje Rasasi, Kaxitao e Maraxi pora), então maior comunidade da região, com dois professores, passou a constituir, durante muito tempo, um pólo de referência do projeto de educação da CCPY. De seus alunos de 1997, saíram os professores contratados Alípio (de Maraxi pora), Sidney (ex-Daniel, Rasasi) e vários professores voluntários, como Maciel (Kaxitao) ou Dani (Maraxi pora). Dos primeiros alunos da escola do Piya u saíram Enio, ex-professor contratado ou Epe/Benedito, atual professor voluntário. A escola da aldeia de Apiahiki, também teve uma sucessão de docentes oriundos dos alunos de seu primeiro professor, Gerson : Bruno (filho menor do Totô, falecido), Josias (genro do

¹⁹ Nos últimos anos grande parte da comunidade do Demini passa 2 ou 3 meses por ano coletando cipó para vender em Barcelos, passando por Ajuricaba, e os laços entre as juventudes de Ajuricaba e Demini e cada vez mais estreita (A. M. Machado, relatório de julho de 2011).

²⁰ Sobre o nascimentos das escolas na região de Toototobi, ver : B. Albert, 1997, “Considerações sobre as escolas de Demini, Toototobi e Parawaú (setembro e outubro de 1997)”, relatório consultoria CCPY/MEC/PNUD.

Totô), Romário (genro do Totô)²¹, e, finalmente, o atual professor contratado da aldeia : Kirão/Adilson. Por outro lado, a aldeia de Koyopi/Okarasipi se beneficiou pouco desta experiência pioneira, já que seu primeiro professor, formado em Kokoi u : Keni (nascido em 1975), casou-se na aldeia de Xiroxiropiu e abandonou em 2004 a formação de professor para ser AIS. Na época, a aldeia de Xiroxiropiu não estava ainda estabelecida na região de Toototobi (esta aldeia se subdividiu recentemente e dando origem a aldeia próxima de Amahiki).

Finalmente, pode observar-se que, como no Demini, muito dos primeiros letrados “chave” do projeto de educação da CCPY, nascidos nos anos 1970 e começo dos 1980, abandonaram as escolas para tornar-se AIS - primeira função retribuída na TIY na época da URIHI (2000-2004) - como Geraldo, Gerson, Rogel, ou, mais tarde, para entrar nos quadros permanentes da HAY, como Enio, hoje coordenador de educação da entidade. O único professor oriundo dos quatro estagiários pioneiros do Demini, nascido nos anos 1960, é Lourenço, hoje professor contratado do Piya u.

Situação atual

Os professores :

A região conta hoje com 5 professores contratados. Quatro deles (aldeias de Piya u, Rasasi, Maraxi pora e Apiahiki) completaram todos (Lourenço, Sidney) ou quase todos os cursos de formação do Magistério Yarapiari entre 2001 e 2009 (Alípio faltou em 2002, e Kirao/Adilson faltou em 2004 e 2007). Estes professores são também, como vimos acima, ex-alunos das primeiras escolas de Toototobi fundadas em 1997. Entre estes docentes da primeira turma do magistério Yarapiari só Enio (nascido em 1983) abandonou sua contratação em 2010 para ser coordenador de educação na HAY e provavelmente, num futuro próximo, estudante universitário. Entre os contratados, só o professor Magno Junior, do Koyopi, entrou mais recentemente na formação (2004-2009)²².

²¹ Romário passou a ser AIS.

²² Um professor de Koyopi, Valdir, que havia entrado na formação entre 2004 e 2007, faleceu. Magno Junior deixou então de ser AIS para entrar na formação de professor, quase dobrando seu salário.

Os professores em atividade na região de Toototobi são em geral mais velhos que os do Demini : Lourenço (nascido em 1967), Alípio (1973), Kirao/Adilson (1978), Sidney (1981), Magno Junior (1983). Os professores voluntários também: Dani (Maraxi pora, 1990?), Joaquim (Rasasi, 1980), Maciel (Kaxitao, 1982), Epe/Benedito (Piya u, 1979), José (Koyopi, 1985).

Kaxitao, Xiroxiropu e Amahiki só tem professores voluntários: Maciel (Kaxitao,1982), Daniel (Xiroxiropiu,1977) e Marcelo (Amahiki, 1989). O professor voluntário de Apiahiki, Aweita (1986), oriundo de Xiroxiropiu interrompeu seu serviço pre-marital em Apiahiki em 2010 e voltou para sua aldeia onde desempenha a mesma função; foi substituído por um jovem, neto de Totô : Vandemar (nascido em 1995), que cuida da alfabetização das crianças. Os outros professores voluntários entraram na formação em 2008 (Marcelo e Aweita tinham também participado do curso de 2006). Epe/Benedito foi alfabetizado na própria aldeia e nunca participou da formação do PEY, apesar de sua idade. Vandemar foi também alfabetizado unicamente na sua aldeia.

O funcionamento das escolas :

O acompanhamento pedagógico das escolas do Toototobi pelos assessores do PEY teve um forte decréscimo a partir de 2006-2007, como nas outras áreas do projeto e pelas mesmas razões. De 2001 a 2005 este acompanhamento era realizado de quatro a seis vezes por ano. A partir de 2006 passou para duas ou, mais freqüentemente, uma vez por ano. A média de dias em campo que, entre 2001 e 2005, era de 150 dias (cinco meses), baixou para uma média de 33 dias por ano de 2006 a 2011. Esta redução abrupta da freqüência dos acompanhamentos pedagógicos teve um impacto significativo sobre os professores e o funcionamento de suas escolas recentemente reconhecidas pela SECD (2006). Aliás, em muitos casos, parece que, neste contexto, o essencial do ano escolar passou a se reduzir à breve visita anual dos assessores do PEY (uns dias por ano em cada escola), concebida como uma visita de inspeção escolar a moda antiga.

Dias de acompanhamentos :

TOOTOTOPI	
2001	108
2002	131
2003	214
2004	142
2005	158
2006	52
2007	26
2008	26
2009	38
2010	35
2011	26
Total	956

A falta de padronização do registro dos dados sobre o desempenho dos professores (diários de classe, listas de frequência e caderno de planejamento), nos relatórios de campo e nos dados arquivados pela coordenadoria do PEY, dificulta a possibilidade de ir além de compilações impressionistas. Entretanto, a leitura desses relatórios aponta novamente, no Toototobi, para um muito fraco desempenho dos professores contratados, com frequência de aproximadamente de um mês de aulas anuais em 2008, à exceção notável do professor Lourenço que com 250 aulas neste ano (ou 124 de acordo com os dados da coordenadoria?), estabelece assim um recorde das escolas da TIY (e do professor Sidney com 94 aulas – o qual, porém, praticamente abandonou sua escola por completo nos anos seguintes, em função de seu casamento e do desinteresse generalizado pela escola que se instalou na região).

Nos anos seguintes pode-se considerar que, fora do Piya u, as escolas entraram também em estado de coma em toda a região de Toototobi. Este diagnóstico de abandono é confirmado pelos assessores: *“ A situação das escolas na região do Toototopi já está quase se tornando uma não situação. Entre todas as escolas da região apenas duas estão em funcionamento: a escola da Yano do Piau e a escola do Kaxitao. O restante das escolas se encontravam completamente paralisadas e sem a menor intenção de retornarem as atividades.”* (M.P.Volk, julho

de 2011). Tanto durante as reuniões com a equipe do PEY em Boa Vista, quanto durante as conversas com os Yanomami de Toototobi, na sede da HAY (Geraldo, Enio) e/ou no campo, durante a assembléia de avaliação em Rasasi (Bruce, Paulino, Totô, Tião, Passuano, Jeremias, Bilo, Rogel), nos foi repetidamente descrito, em termos similares, o esvaziamento das escolas e o desânimo dos professores.

As aulas são poucas e esparsas, muitas vezes realizadas sob pressão das lideranças, deixando os alunos de EJA com raiva desta escola ocasional onde não aprendem mais nada; as crianças aproveitam também muito pouco na alfabetização; tudo muito devagar. A escola “*ficou triste*” concluiu Geraldo (Rasasi) que lamentou também, com certa preocupação, que “*as coisas yanomami estão desaparecendo rápido*”. De fato, como no Demini os alunos de EJA do Toototobi queixam-se de que a escola da aldeia, além de não funcionar direito, não é capaz de ensinar o português. Em yanomami, só querem estudar ainda aritmética; não se interessam mais por conteúdos oriundos da tradição e muitos querem se aventurar em Barcelos ou Boa Vista para estudar e/ou trabalhar.

Os poucos dados quantitativos disponíveis sobre o desempenho dos professores demonstram, de fato, um funcionamento muito baixo das escolas ou sua quase completa paralisação desde 2009 : os professores contratados, neste ano, deram um máximo de 12 aulas - com a exceção de Lourenço, do Piya u, que, mesmo assim, está longe de suas performances antigas). O desempenho dos professores voluntários – na espera de uma contratação - foi um pouco melhor que o dos contratados – tendência observável também no Demini.

Dados dos relatórios de campo :

	Adilson	Magno	Alipio	Sidney	Lourenço
	<i>Apiahik+</i>	<i>Koyopi</i>	<i>Maraxi pora</i>	<i>Rasasi</i>	Piya u
2008	34	?	35	94	250
2009	10	5	12	7	61
2010	X	X	X	X	X
2011	X	X	X	X	X

? : sem dados : “Tanto José, quanto Magno não tiveram tantas aulas dadas e conseqüentemente o registro de conteúdos é pouco.” (Relatório G.Duprá, 2009).

X : sem dados.

Xiroxiropi u/Amahiki : sem acompanhamento entre 2008 e 2010.

	<i>Aweita</i>	<i>José</i>	<i>Dani</i>	<i>Maciel</i>	<i>Joachim</i>	<i>Benedito</i>
	Apiahik+	<i>Koyopi</i>	Maraxi pora	Kaxitao	Rasasi	Piya u
2008	27	X	28	38	38	X
2009	30	38	36	22	27	27
2010	X	X	X	X	X	X
2011	X	X	X	X	X	X

X : sem dados.

Xiroxiropi u/Amahiki : em 2011

: Marcelo 17 aulas, Daniel 11.

Dados da Coordenadoria :

	Adilson	Magno	Alipio	Sidney	Lourenço
2008	27	23	35	94	124
2009	48	X	23	30	60
2010	X	X	X	X	X
2011	X	X	X	X	X

	<i>Aweita</i>	<i>José</i>	<i>Dani</i>	<i>Maciel</i>	<i>Joachim</i>	<i>Marcelo</i>
2008	34	X	28	31	38	X
2009	29	111	42	38	34	X
2010	X	X	X	X	X	X
2011	X	X	X	X	X	X

O número de alunos registrados nos relatórios de campo no último período de funcionamento relativo das escolas (2008-2009) eram os seguintes (só os dados de Xiroxiropi u/Amahiki foram fornecidos pela coordenadoria do PEY) :

	Apiahik+	Koyopi	Maraxi pora	Kaxitao	Rasasi	Piya u	Xiroxiropiu Amahik+	Total
EF	14	10	8	8	12	26	17	95
EJA	20	11	15	4	12	22	20	104
Total	34	21	23	12	24	48	37	199

Proficiência na escrita :

A alfabetização da população das 7 comunidades em apreço (566 pessoas)²³, avaliada de acordo com os nossos 5 níveis de proficiência na escrita²⁴ - apresenta, sem surpresa, porcentagens da população total no maior nível de proficiência (superior a 20%) nas comunidades de Piya u e Rasasi (ex Kokoi u) que foram, como Demini (20 %), as aldeias pioneiras do PEY desde 1997. As aldeias mais recentemente incluídas no projeto, como Xiroxiropi u e Amahiki estão entre 5 e 6%. Aldeias que se beneficiaram do PEY de longa data, porém onde a rotatividade dos professores foi maior, chegam a só 14-15%.

Níveis	Rasasi	Piya u	Kaxitao	Maraxi pora	Apiahik+	Koyopi	Xiroxiropi	Amahik+
5	18(22,5%)	27(21,6%)	3(18,7%)	8(17%)	10(14%)	11(15,5%)	5(6 %)	4(5,5%)
4	9	16	3	5	5	0	8	1
3	3	11	2	1	8	1	2	2
2	14	18	3	4	13	15	13	9
1	36	53	5	29	35	44	55	57
Pop. total	80	125	16	47	71	71	83	73

²³ As aldeias de Xuuhupi, recentemente chegada da Venezuela, e de Wanapi u, onde não tem escola, fazem que a população total na região de Toototobi seja de 635 pessoas.

²⁴ 1 - não escreve nada; 2 - escreve palavras; 3 - escreve frases; 4 - escreve uma pequena carta (meia página); 5 - escreve bem.

Agregando os dados de todas as aldeias da região, como no Demini (porém em proporção um pouco menor), constata-se que a faixa etária com a melhor alfabetização (nível 5), é a faixa dos 25-29 anos (que estudaram em tempos melhores do PEY), nascidos entre 1982 e 1986 (63%), com mais de 50% do seu contingente alfabetizado neste nível. Diferentemente do Demini, a faixa de 30-34 anos, nascidos entre 1981 e 1977, tem uma proporção um pouco maior de nível 5 (28,6%), que a faixa de 20-24 anos, nascidos entre 1987 e 1991 (24%). Os resultados nas faixas etárias de 15-19 anos (nascidos entre 1992 e 1996) e de 10-14 anos (nascidos entre 1997 e 2001) para o nível 5 são respectivamente de 34 % e 7,5 %, ou seja, bem mais elevados que no Demini. A faixa de 0-9 anos tem uma proporção de 28% no nível incipiente de alfabetização (nível 2), também comparável (porém um pouco abaixo) ao Demini. Todos estes dados parecem indicar um grau de alfabetização um pouco inferior a do Demini, porém mais homoganeamente repartido entre as diversas faixas etárias.

Problemas identificados: da escola da floresta à escola do Estado

Em conversas sobre o enfraquecimento das escolas de Toototobi (Boa Vista, Rasasi), escutamos diversas queixas sobre os professores (sobretudo de Rasasi e Koyopi). As críticas mencionaram a falta de empenho no trabalho da escola onde não repassam o conteúdo dos cursos que seguem em Boa Vista, a ausência de iniciativa em produzir material didático novo, a maior preocupação com problemas pessoais (casamento²⁵, viagens, compras), o gasto dos salários à toa na cidade e a falta de compromisso econômico para com seus parentes²⁶, a ostentação consumista nas aldeias e até o “mau comportamento” na cidade (bebida, brigas, freqüentação de prostitutas). Como sintetizou Bruce, do Rasasi: “*Não os mandamos*

²⁵ A questão do serviço pré-marital dos jovens professores em outra aldeia que a aldeia de sua escola constitui, de fato, um caso sério de conflito entre suas novas exigências profissionais e as regras sociais tradicionais que, muitas vezes, impõem a residência uxorilocal. Esta situação causa muitos abandonos de carreira de professor: ver os casos de professores em aldeias como Koyopi (Keni, Tanera, Gil, Mauro, Kirao/Adilson) ou Aiaphikì (já evocada no começo deste relatório) ou de absentismo crônico na escola, como é o caso do professor Sidney no Rasasi.

²⁶ O critério do parentesco na escolha dos candidatos a professor é decisivo para os mais velhos que consideram a escola antes de tudo com um espaço de troca com os Brancos e, portanto, uma fonte de mercadorias, via os salários dos seus filhos e, sobretudo, dos seus genros. Assim, muita da rotatividade dos professores é causada pelas disputas sobre contratações entre facções e/ou pelas estratégias matrimoniais das lideranças.

na cidade para virar Brancos. Os mandamos lá para eles pensar direito e nos apoiar!”²⁷, acrescentando que: “Agora os jovens dizem que não querem trabalhar muito, como os Brancos. E se todos têm lanterna não é para caçar paca a noite, é só para poder procurar mulheres mais fácil!”

Os mais velhos reclamam também dos alunos (de EJA) desprezarem as tarefas tradicionais, de passarem seu tempo no posto de saúde dos Brancos, de só sonharem com viagens “para estudar” (leia-se “zanzar”) em Boa Vista e Barcelos e de usarem essencialmente a escrita para marcar encontros sexuais. Dizem estar cansados de brigar com os professores que não escutam suas recomendações (ainda que sua autoridade tradicional tenha mais peso que no Demini); alguns já pensam que, se a situação atual continuar, a escola deve acabar. Quem continua cobrando seu funcionamento sem ambigüidade são, sobretudo, os pais dos alunos mais novos que, outrora, usufruíram das escolas do PEY em fase de ascensão. Já a preocupação maior de todos os homens mais velhos na região (pelo menos em Rasasi, Maraxi pora e, em menor escala, Piya u), como no Demini agora, parece ser de manter um fluxo aceitável de mercadorias nas aldeias via a comercialização do cipó titica em Barcelos, já que os salários dos professores e AIS os decepcionaram nesta função (o recrutamento é limitado e obter sua socialização é difícil).

Este panorama de reclamações deve ser tomado, antes de tudo, como um quadro sintomático do mal estar das comunidades em reação à atual disfunção das escolas e não como um catálogo de causas de seu declínio. Assim, estes sintomas parecem, mais do que nada, remeter ao “curto circuito” das escolas no seu atual processo de absorção pelo Estado de Roraima.

Nas aldeias de Toototobi as possibilidades de recrutamento de novos professores são menos fechadas que no Demini. Além de cinco contratados, nove ou dez voluntários esperam²⁸, com certa impaciência e com o suporte político de suas respectivas parentelas, completarem a formação e entrar na lista de contratação da SECD (o que, novamente, parece explicar seu melhor desempenho frente ao dos contratados). Estes “voluntários” beneficiam, idealmente, de certa redistribuição do salário dos contratados, mas o assunto é sempre motivo de conflitos. Assim, o desinteresse pela escola parece provir hoje, no Toototobi, não

²⁷ Para os mais velhos, viagens dos jovens para a cidade só fazem sentido quando tem um retorno econômico direto (ir buscar espingardas em Barcelos) ou indireto (estudar em Boa Vista para ter salário).

²⁸ Será provavelmente o caso, em 2012, de Aweita, Joaquim e Benedito/Epe.

tanto da ausência de futuro profissional dos alunos de EJA, como no Demini, quanto do impacto mais intenso da transição caótica das escolas do PEY para a SECD na região.

A redução abrupta do acompanhamento pedagógico em campo - um mês anual (ou menos) para onze professores (199 alunos) distribuídos em oito aldeias – teve – apesar dos esforços dos assessores -, um impacto bem maior do que no Demini (uma aldeia, 4 professores, 50 alunos). Além disso, na sua passagem do PEY para a SECD, as escolas tornaram-se progressivamente dependentes de uma pauta externa, altamente burocratizada e regida por um clima de incerteza e frustração permanentes. Os esparsos períodos de acompanhamentos pedagógicos passaram a ser pautados predominantemente pelos PPPs e outras exigências burocráticas da SECD (reuniões, listas, documentos diversos, etc.), muitas vezes não seguidas de resultado algum; não foi produzido material didático novo em campo; os professores esperaram mais de dois anos por um novo curso de formação (finalmente organizado em outubro de 2011); a SECD praticamente não enviou material escolar nem equipamento para as escolas²⁹; os professores voluntários ficaram suspensos às esperanças de hipotéticas contratações.

Em tal contexto, a escolarização nas aldeias acabou perdendo seu sentido para todos. Os alunos, já em sua maioria alfabetizados, constataram que sua formação passou a constituir a última prioridade de um projeto educativo essencialmente centrado no registro oficial dos professores e das escolas³⁰. Os professores, ainda insuficientemente formados, sem novos cursos de formação desde 2009, e sem apoio material e pedagógico no campo, acabaram se desmotivando de suas funções e se concentrando cada vez mais em seus problemas pessoais.

Resumindo: a transição PEY-SECD representou a passagem de uma escola autônoma, centrada sobre seu conteúdo educativo e os progressos dos seus alunos, para uma escola dependente, submetida às regras labirínticas do Estado e centrada

²⁹ Em todas as áreas visitadas ouvimos esta queixa relativa à falta de envio de material escolar pela SECD. Para muitos professores contratados esta passou a ser a principal desculpa para justificar sua inatividade, apesar de ser fácil contornar este problema comprando material com seu salário (o que, aliás, vários começaram a fazer). De modo que esta “queixa-mantra” dos professores contratados deve ser ouvida mais como uma metáfora do abandono que sentem após a transição do PEY para SECD.

³⁰ Ao ponto que, em Olomai (Auaris), os alunos chegaram a pedir aos professores de retribuir sua participação às aulas, “já que estes ganham por causa deles” (A.-M. Machado, comunicação pessoal).

sobre a carreira dos professores. Ficar ciente deste fenômeno de “descaminho na transição” me parece importante para desconstruir a ilusão de considerar a transmissão da educação yanomami para ao setor público local como a meta suprema do PEY. De fato, a passagem à SECD, sem planos paralelos de consolidação das escolas no campo, bem pode levar à formação de uma casta de professores sem escolas, futuros “docentes fantasmas” cujo maior efeito na sociedade yanomami será o péssimo exemplo do consumismo que permite seus salários.

Papiu :

Contexto histórico

A região de Papiu, uma das mais castigadas pela invasão garimpeira no fim dos anos 1980, recebeu assistência sanitária da organização francesa Médicos do Mundo (MDM) de 1992 a 2002³¹. A partir de 1997, a MDM contratou a educadora E. M. de Brito (que já tinha trabalhado na missão Catrimani e no Demini) para, sob responsabilidade da Diocese de Roraima, iniciar um projeto de educação bilíngüe destinado a servir de base para seu programa de formação de AIS. Esta iniciativa foi interrompida em 2001 e o PEY começou seu trabalho educativo na região de Papiu no início de 2002. O acompanhamento pedagógico em campo era inicialmente realizado em 10 localidades/escolas. (Ërisipi, Amaakahiki, Hero u, Maharu u, Okarasipi, Sikamapi u, Tihinaki, Xokotha, Xorithothopi).

Ocorreram na região, desde 2003, vários conflitos internos agravados pelo consumo regular de caxiri (um tipo de cerveja de mandioca), introduzido na região nos anos 1980. Estes conflitos provocaram oito mortes (as duas últimas em 2008) e envolveram vários professores (como Ari, Alfredo, Genivaldo, César, Fabio+) e suas famílias, perturbando gravemente as atividades das escolas. Além disso, a reinvasão da região por garimpeiros desde 2008-2009 foi também fonte de muitas tensões, não só pelas ameaças que representa para a população (doenças e

³¹ Ver a reportagem : <http://www.youtube.com/watch?v=u8eOHdXvZSY>

violências), mas também pelos conflitos sociais que pode gerar (alguns jovens, entre eles o professor Nelson, apóiam o garimpeiro).

Situação atual

Os professores :

A região conta hoje com 4 professores contratados: César (aldeia de Konapi, nascido em 1981), Marconi (Mahara u, 1989), Nelson (Sikamapi u, 1970) e Genivaldo (Tihinaki, 1985); um quinto, Alfredo (Xokotha, 1984), foi estranhamento exonerado pela SECD em razão de sua atividade na HAY³². Alfredo e César são os dois únicos professores da área a ter seguido todos os cursos do magistério Yarapiari entre 2001 e 2009. Genivaldo começou a formação em 2002, Marconi em 2003 e Nelson em 2004.

Os professores voluntários são 3 : Tomé (Xokotha, nascido em 1974) que deve ser contratado para substituir Alfredo, Hoaxina (Konapi, 1983) e Ari (Sikamapi u, 1994); começaram sua formação em 2008³³.

Os professores contratados e voluntários pertencem em maioria à geração nascida nos anos 1980, pouco antes do começo da invasão maciça da região (1987). São todos jovens sobreviventes da enorme mortalidade dos anos do garimpo (1987-1990) que vivenciaram em sua pequena infância. Somente o professor Nelson, oriundo da aldeia do Uxiú (Mucajaí), e o voluntário Tomé (da região do Haxiu) nasceram no começo dos anos 1970. Já o professor voluntário Ari é particularmente jovem: é o único, com Vandemar do Apiahiki (Toototobi) nascido nos anos 1990.

A população do Papiu, em razão de seus freqüentes conflitos internos, tem um padrão de residência muito fragmentado (e uma mobilidade além do padrão yanomami habitual): 12 aldeias para 327 pessoas (as menores tem entre 7 e 10 habitantes)³⁴. Nos registros oficiais atuais somente 4 aldeias têm escolas registradas

³² Esta exoneração, única em seu gênero, é totalmente injustificável tanto pelo motivo apresentado (apoio do professor a HAY) quanto pela pessoa visada : Alfredo é um jovem yanomami extremamente competente e dedicado que seguiu a totalidade dos cursos do magistério Yarapiari entre 2001 e 2009.

³³ Um quarto professor voluntário, Peruano (Mahara u, 1980), faleceu no início de 2011.

³⁴ Dado baseados no censo 2011 da SESAI, o último relatório de campo (setembro de 2011) do PEY menciona oito comunidades e 336 pessoas.

e professores contratados: Konapi, Mahara u, Sikamapi u e Tihinaki. A aldeia de Xokotha/Surinapi tem um ex-professor (Alfredo) e um voluntário em via de contratação (Tomé) e, assim, deve provavelmente reintegrar a lista das escolas registradas³⁵.

O funcionamento da escola :

Em 2007, o acompanhamento pedagógico em campo teve, no Papiu, a queda mais drástica de todas as áreas do PEY. De 2002 a 2006 as visitas à área eram bi-anuais, com a exceção do ano de 2004 no qual os acompanhamentos chegaram excepcionalmente a quatro. A duração destes acompanhamentos foi de pouco mais de um mês em 2002 e 2005, de dois a mais de três meses de 2003 a 2006. No início do PEY estes acompanhamentos eram conduzidos nas 10 aldeias/escolas da região.

Em 2007 e 2009 não foram realizadas viagens do PEY a campo no Papiu. Em 2008 foram organizadas duas visitas de assessores recém contratados (18 e 20 dias³⁶), uma das quais aconteceu durante um conflito que culminou com duas mortes (o assessor, no caso, não realizou nenhum tipo de acompanhamento pedagógico³⁷). Depois, os acompanhamentos só retomaram, modestamente, a partir de outubro de 2010.

Dias de acompanhamento :

Papiu	
2002	36
2003	78
2004	100
2005	38
2006	101

³⁵ Além disso, o lugar de residência atual (censo SESAI) dos professores (contratados e/ou voluntários) nem sempre corresponde às escolas/aldeias onde foram registrados. É o caso de Marconi e Peruano da escola de Mahara u, o primeiro registrado como residente de Konapi e o segundo de Okorasipi.

³⁶ O relatório desta visita de 20 dias (2008) não consta do material disponível nos arquivos do PEY.

³⁷ A visita se resumiu a reuniões improvisadas e fotos de cadernos de alunos e de relatórios de frequência, realização de listas de material escolar e lista de alunos (nenhum destes dados sendo apresentados no relatório).

2007	0
2008	38
2009	0
2010	21
2011	58
Total	450

No Papiu, as atividades da assessoria de campo do PEY em 2010 e 2011 foram dedicadas principalmente à participação num ambicioso projeto de documentação lingüística, cultural e histórica - produção de textos e filmes -, associados ao trabalho de campo do lingüista H. Perri (ex assessor CCPY/PEY). Este trabalho envolveu ativamente alguns dos professores yanomami da região, principalmente Alfredo e Genivaldo, mas também, de forma mais periférica, Marconi, Nelson, César e Hoaxina (bem como Arokona, AIS). O envolvimento do PEY nestas pesquisas tem como justificativa *“formar os Yanomami para a produção de suas próprias pesquisas, de forma a valorizar e fortalecer o conhecimento Yanomami”* (A.M. Machado, relatório 2011.2).

Tal iniciativa é certamente importante para manter o interesse das gerações letradas, formadas nos primeiros tempos do PEY, nos conteúdos ligados a sua cultura e para encaminhá-los a uma conquista da produção da própria imagem cultural na cena interétnica (da etnografia externa a auto-etnografia). Pode constituir um excelente exemplo de atividade a ser desenvolvida em outras regiões (onde constatamos uma grande carência de novos conteúdos em língua yanomami). Entretanto, devemos lembrar que este tipo de projeto não garante em si a transmissão de uma competência escrita sólida para as gerações mais novas (mesmo se favorece a transmissão cultural, especialmente na forma áudio-visual³⁸); tal transmissão permanece uma prerrogativa da escola em sua forma tradicional. Por isso, me parece necessário acoplar este tipo de projetos a um reforço inovador do acompanhamento pedagógico das escolas em campo a fim de garantir a transmissão da escrita. Caso contrário, corre-se o risco de criar uma casta de

³⁸ Assim, como observou a assessora do PEY, muitos jovens ouviram pela primeira vez mitos contados por um dos poucos anciãos da região via este projeto de documentação audiovisual.

intelectuais-pesquisadores indígenas isolada do resto da sociedade e, sobretudo, de novas gerações analfabetas.

Hoje, das 10 escolas registradas pela CCPY em 2002, sobrou a metade. Além disso, estas cinco escolas funcionam muito pouco e, para ser objetivo, em sua maioria simplesmente pararam de funcionar completamente desde, pelo menos, 2008. Este fato incómodo é reconhecido tanto pelos assessores do PEY quanto pelos Yanomami da região, professores ou não, como foi amplamente debatido durante a assembléia de avaliação na maloca de Konapi (falas de Alfredo, Arokona, Waiwai, Raimundo, César, Alirio, Joana). O único professor que parece continuar a dar algumas aulas é o professor César, com seu ajudante Hoaxina (no Konapi, ver tabela abaixo).

Um relatório de 2011 (A.M. Machado) faz um balanço desolador da situação: *“As escolas do Papiu perderam força no período da briga que teve seu auge entre 2008 e 2010. Naquele período até mesmo a escola de Xokotha foi incendiada e o clima de tensão era constante. Hoje, em um momento mais tranqüilo, as escolas continuam fracas ou praticamente mortas. A SECD enviou pouquíssimo material escolar para as escolas, assim como alguns professores voltaram a dar aulas, mas pouquíssimas aulas. A situação das casas escolares se encontra em estado um pouco degradante, com poucos bancos ou nenhum, sujas e abandonadas. Durante minha visita ao Mahara u, encontrei em um caderno de um dos alunos de Marconi escrito que o mesmo era preguiçoso, não dava aula. Os alunos queriam estudar, mas não tinha professor, por isto ele estava muito triste”*.

Os relatórios de acompanhamento pedagógico de campo não apresentam relação de freqüência das aulas dadas pelos professores, nem relação de alunos por escola (EF/EJA). Os dados a seguir foram fornecidos pela coordenadoria do PEY. Os números de aulas dadas pelos professores do Papiu mostram um desempenho relativamente modesto desde a entrada do PEY em 2002 e, de fato, uma paralisação das escolas depois de 2008. Nota-se, também, que os melhores anos de desempenho da maioria dos professores foram os anos de maior presença dos assessores do PEY em, campo: 2004 (100 dias) e 2006 (101 dias). Em 2010 e 2011 não parece ter mais registros destes dados.

	Alfredo	César	Marconi	Nelson	Genivaldo
2002	74	57	Não lecionava	Não lecionava	18
2003	23	21	29	Não lecionava	30
2004	39	5	60	15	40
2005	2	36	13	42	12
2006	42	68	32	77	X
2007	X	X	X	X	X ³⁹
2008	X	59	24	27	14
2009	X	X	X	X	X
2010	X	X	X	X	X
2011	X	X	X	X	X

(Os dados para os professores voluntários estão incompletos e esparsos demais para serem usados aqui).

O número total de alunos das escolas do Papiu (2009, coordenadoria PEY), apesar de parecer bastante baixo, é condizente com a proporção alunos/população das outras regiões : praticamente 35 %, a mesma proporção do Toototobi, e superior à porcentagem do Demini (30%) :

	César	Marconi	Nelson	Genivaldo	(Alfredo)	
	<i>Konapi</i>	<i>Mahara u</i>	<i>Sikamapiu</i>	<i>T+h+nak+</i>	<i>Xokotha</i>	
						Total
EF	6	7	6	7	12	38
EJA	6	7	6	9	9	37
Total	12	14	12	16	21	75

Proficiência na escrita :

A alfabetização da população das cinco comunidades em apreço (215 pessoas), avaliada de acordo com os nossos 5 níveis de proficiência na escrita⁴⁰,

³⁹ Sem visita de campo, sem registro.

⁴⁰ 1 - não escreve nada; 2 - escreve palavras; 3 - escreve frases; 4 - escreve uma pequena carta (meia página); 5 - escreve bem.

apresenta uma porcentagem da população alfabetizada em nível 5 comparável àquela das outras regiões visitadas durante a avaliação : Mahara u (aldeia mais próxima do posto) está no nível de Rasasi e Demini; Konapi, Sikamapi u e Tihinaki no nível de Apiahiki, Koyopi ou Maraxi pora. Tais resultados parecem satisfatórios em vista da menor duração do PEY na área (10 anos para 16 no Demini e 14 no Toototobi)⁴¹ e, sobretudo, das turbulências sociais da região.

	Mahara u	Sikamapi	T+h+nak+	Konapi	Xokotha/ Surinapi
5	10(22,2%)	8(16,7%)	5(16,7%)	6(16,2%)	6(11%)
4	1	3	1	1	3
3	0	0	4	3	0
2	12	6	3	10	5
1	22	31	17	17	41
Pop. total	45	48	30	37	55

Na região do Papiu, a população alfabetizada em nível 5 se situa nas faixas dos 30-34 anos (50%) e, sobretudo, dos 35-39 anos (71,5%), portanto em faixas etárias mais “velhas” que as encontradas nas outras regiões (onde os 25-29 anos são geralmente os mais alfabetizados). Trata-se, no Papiu, de pessoas nascidas entre 1972 e 1981, que tinham entre 16 e 25 anos quando começou a primeira experiência de alfabetização na região em 1997.

Quanto ao resto, a repartição dos alfabetizados em nível 5 por faixa etária é bastante semelhante aos dados do Toototobi nas faixas dos 10-14 anos (4,5%), dos 15-19 anos (33,5%) e dos 20-24 anos (29%), sendo um pouco inferior na faixa dos 25-29 anos (45,5%). Entretanto, um dado parece preocupante quanto a transmissão da escrita para as crianças: a faixa de 0- 9 anos tem a menor taxa de alfabetização incipiente (nível 2) das 4 regiões (6,25%).

⁴¹ Deve ser lembrado, entretanto, que o Papiu se beneficiou também do trabalho anterior de alfabetização e de formação de AIS do projeto Diocese/MDM.

Problemas identificados: traumatismo do garimpo e desestruturação social

Relatam-se, nesta região queixas e problemas já encontrados alhures: problemas matrimoniais dos professores (serviço pré-marital em residência uxorilocal), críticas dos mais velhos sobre os alunos (diminuição do empenho nas tarefas tradicionais, proliferação das “cartas de namoro”) e de muitos sobre os professores (“preguiça” de dar aula, dilapidação dos salários na cidade). Por sua vez, os professores apontam novamente para a falta de material escolar, de material didático atualizado, de apoio pedagógico externo, bem como da vontade dos alunos avançados de somente estudar o Português.

O declínio das escolas do Papiu decorre certamente das mesmas causas discutidas em relação às outras áreas visitadas: redução drástica do acompanhamento pedagógico do PEY a partir de 2007, transição para a estrutura burocrática e ineficiente da educação do estado de Roraima, perda de interesse por falta de conteúdos e perspectivas para as gerações já alfabetizadas nas escolas, polarização dos professores sobre recrutamentos e salários.

Entretanto, este quadro desfavorável foi, na região, potencializado por um fator agravante: uma situação crônica de conflitos intra e intercomunitários (desde 2003). De fato, Papiu apresenta um quadro constante de violências estimuladas pelo consumo regular de caxiri que foi introduzido há quase 25 anos nestes sobreviventes da grande invasão garimpeira do fim dos anos 1980 (1987-1990). Pode-se até mesmo supor que as freqüentes sessões de embriaguez coletiva (*poremu*) nas aldeias da região⁴² se tornaram um tipo de ritualização *ad hoc* - válvula de escape e sintoma coletivo - do traumatismo dos tempos negros do garimpo.⁴³

O consumo regular e o efeito desinibidor do álcool contido nesta cerveja de mandioca favorecem a expressão desregrada de uma agressividade outrora enquadrada em códigos e rituais socialmente controlados pelos antigos líderes (conflitos entre aldeias próximas gerenciados via duelos rituais), induzindo na região

⁴² Também presentes no Alto Catrimani e Kayana u. Entre 1987 e 1990 as comunidades da região e suas lideranças, então com pouco contato, foram impiedosamente dizimadas pelas malárias e violências dos garimpeiros (a pista de Papiu era em 1989 uma verdadeira vila de garimpo).

⁴³ Tendo trabalhado com as equipe médicas (Ministério da Saúde, Médicos do Mundo) em 1990 e 1991 no Papiu me lembro de que, durante a embriaguez do caxiri, era de praxe os homens falarem em pidgin português e dançar fantasiados de garimpeiros, como se estas sessões de bebida fossem um ritual de “exorcismo” do trauma do contato e da catástrofe epidemiológica e ambiental que viveram no final dos anos 1980.

um tipo de “guerra interna” permanente (brigas e mortes freqüentes entre parentes/vizinhos, violências contra mulheres e crianças).

Voltando às escolas. É evidente que estas situações de conflitos tiveram um efeito bastante desorganizador sobre as atividades escolares na área desde a entrada do PEY na região (episódios de violência, períodos rituais de luto, conflitos entre professores). Alguns professores ou AIS, como Alfredo ou Arokona, admitem que a bebida descontrolada de caxiri e as violências e vinganças decorrentes foram um fator importante no declínio das escolas: “*a escola ficou sangrenta e acabou*” (Alfredo). Entretanto, apontam para a impotência dos mais velhos (os poucos que sobreviveram à invasão garimpeira dos anos 1980) que não foram capazes de enquadrar com limites sociais claros este novo ritual do contato, de não ter conseguido manter as comunidades mais coesas, o que teria “*protegido a escola*”.

Finalmente, deve-se considerar que um dos grandes efeitos sociais desta interiorização da violência nas aldeias é a crescente fragmentação das comunidades e sua extrema mobilidade (sem dúvida agravada pela dificuldade de acesso a caça na região). Neste quadro, o modelo fixo “uma aldeia/uma escola” do PEY (e da SECD) não parece constituir o modelo mais adaptado às realidades sociais e políticas da região, deixando as escolas mais expostas aos conflitos e aos movimentos residenciais que induzem (mobilidade das aldeias e das pessoas entre as aldeias).

Auaris :

Contexto histórico

A primeira aproximação do PEY com a região de Auaris data de 2005. A entrada da CCPY nesta nova região se deu, na época, por pelo menos três motivos: 1) a saída da entidade da região do Homoxi (os Yanomami da região tendo todos migrado para a Venezuela), 2) a vontade de continuar o trabalho de educação da URIHI numa região demograficamente central na TIY de Roraima e 3) provavelmente o fato da então Presidente da CCPY, a antropóloga da UnB A. R. Ramos ser uma especialista da região. Além disso, 13 professores Sanöma (Yanomami setentrionais de Auaris) tinham começado a participar dos cursos do magistério Yarapiari associados a URIHI em 2002 e 2003.

Em 2003 três escolas Sanöma já tinham sido inseridas no censo escolar da SECD : Auaris, Katonau e Katimani (Kolulu). A visita em campo do PEY de 2005 (49 dias) foi para os Sanöma a sinalização de uma “ *volta da escola*” depois do fim da URIHI em julho do ano anterior e as três escolas de 2003 foram registradas como escolas estaduais da SECD em maio de 2005. O apoio educativo da URIHI aconteceu se desenvolveu de 1999 a 2004, associado a um programa de formação de AIS.⁴⁴

A inclusão de Auaris no PEY, com seu universo demográfico de cerca de 2 350 pessoas repartidas em 28 aldeias (em 2006) - fora de proporção com a experiência de trabalho anterior do projeto -, se revelou, nos anos seguintes, uma “missão impossível” ainda mais por se tratar de um período em que a entidade entrou em crise financeira (2006), transferiu sua sede de Brasília para Boa Vista e teve que diminuir pela metade sua equipe pedagógica (2007). Entretanto, apesar deste contexto conturbado, a CCPY conseguiu organizar em dezembro de 2007 um levantamento etnogeográfico e socio-econômico da região de Auaris⁴⁵, e, em 2008, o PEY, em seu último ano como CCPY, pôde retomar seu apoio às escolas locais.

Situação atual

Os professores

A região de Auaris conta hoje com 10 professores contratados e 7 professores voluntários (universo bastante flutuante entre 2008 e 2011). De modo geral estes professores se beneficiaram bem menos que os docentes de outras áreas da formação do magistério Yarapiari como as regiões do “núcleo histórico” do PEY (Demini ou Toototobi). Assim, os professores mais experientes seguiram, ao máximo, 5 dos 9 cursos do PEY entre 2001 e 2009 e são quase todos da comunidade de Auaris (menos Sasaná de Kalisi). A maioria dos professores voluntários começou sua formação em 2007/2008. Os professores contratados (e alguns voluntários), nascidos em sua maioria nos anos 1970 e primeira metade dos 1980, parecem em geral mais velhos que em outras áreas e são,

⁴⁴ Desde os anos 1970 só alguns Sanöma tinham sido alfabetizados na sua língua pelos missionários da MEVA (Missão evangélica da Amazônia) que se instalou na região a partir de 1963-1964.

⁴⁵ No quadro do “Pacote Amazônia” da RFN.

incontestavelmente, bem menos formados. Como o frisa um relatório de campo de 2011: “a maioria dos professores não possui o domínio pleno da linguagem escrita e igualmente apresenta grande dificuldade nos conhecimentos de matemática.” (V. Albernaz Coelho, 2011.1).

Considerando que os Sanöma não participaram dos cursos de 2004 e 2006, os professores contratados e voluntários seguirem no máximo 5 dos 9 cursos do magistério Yarapiari :

Contratados:

Auaris :

- Carlos (nascido em 1958) : participou dos primeiros cursos em 2001 e 2003 (CCPY/URIHI) e depois seguiu os cursos de 2007, 2008 e 2009.
- Resende (1971) : participou do primeiro curso de 2001 e depois 2005, 2007, 2008, 2209.
- Tomé Maxiba (1984) : participou do segundo curso em 2003 e depois 2005, 2007, 2008, 2009.

Katonau:

- Kolowa/André (1972) : entrou na formação em 2005 e seguiu em 2007, 2008, 2009.

Olomai:

- Lukas Raimundo (1977) : entrou na formação em 2005 e seguiu em 2007, 2008, 2009.
- Maito Raimundo (1981): seguiu a formação de 2007, 2008, 2009.

Kolulu :

- Marinaldo (1981) : seguiu a formação de 2001, 2003, 2007, 2008, 2009.
- Vicente Pokai (1982) : seguiu formação em 2007, 2008, 2009⁴⁶.

Polapiu:

- Naldo Asatali (1981) : seguiu a formação em 2003, e retomou em 2007, 2008 e 2009.

Kalisi :

- Sasaná (1984) : seguiu a formação de 2003 e depois 2005, 2007, 2008 e 2009.

Voluntários :

Auaris:

- Meock Rafael (1988) : começou a formação em 2008 (filho do Carlos)
- Samuel Ilo (1982) : começou a formação em 2008.

Katonau :

- Jaime Daniel (1989) : primeiro curso em 2009.

⁴⁶ Saiu da aldeia e deixou de dar aulas apesar de continuar contratado. Entretanto voltou a participar do curso de formação de 2011.

- Rodrigo (1986) : primeiro curso em 2011 (promovido pela SECD)

Kolulu:

- Araldo (1984) : começou a formação em 2008.

- Sandro (1982) : seguiu alguns cursos pela Urihi em anos anteriores à 2005 (não participa do Yarapiari).

Polapiu:

Claudio (1964) : participou do primeiro curso em 2002 mais recomeçou a formação em 2008 e 2009⁴⁷.

Häwäma⁴⁸ :

Laércio Sambrano (1986): começou a formação em 2008.

O funcionamento das escolas :

Desde 2008, a presença dos assessores do PEY em campo teve, no Auaris, um maior investimento se comparado com as outras áreas do PEY e, além disso, um esforço especial foi realizado em 2011 :

Dias de acompanhamento :

Auaris	
2005	49
2006	0
2007	0
2008	54 ⁴⁹
2009	84
2010	50
2011	100
Total	337

Evidentemente, apesar destes notáveis esforços de acompanhamento (sempre solapados pelo tempo dedicado às exigências burocráticas da SECD⁵⁰), o

⁴⁷ Este ano se mudou para Häwäma.

⁴⁸ Esta sétima escola, Häwäma, surgiu em 2007 e nunca teve assessoria pedagógica do PEY, só teve uma visita rápida em 2011 e parece não ter uma existência minimamente consolidada.

⁴⁹ Dezoito dias + curso de formação de professores em campo de 36 dias.

PEY, com seus recursos humanos e financeiros atuais, só pode ter um impacto muito limitado na região em vista do volume da sua população, do número das escolas (6 escolas/ 322 alunos) e dos professores (16), bem como da enorme demanda escolar potencial na área (2 406 pessoas, 51,75% de 0-14 anos).

Além disso, o trabalho de campo do projeto parece, em 2011, ter sido mais dedicado à oficinas etno-geográficas (cartografia, depoimentos, vídeos) e ao apoio no registro oficial de demandas locais relativas à educação e saúde, que à atividades de acompanhamento pedagógico propriamente ditas⁵¹ (além de ter sido consagrado, de modo crescente, a etnia caribe vizinha, os Ye´kuana).

Entretanto, de modo geral, se tem a impressão⁵² que as escolas da região – com níveis diversos – mantiveram estes últimos anos um nível de funcionamento um pouco acima daquele das escolas das outras áreas do PEY. A coordenadoria não dispõe de dados sistemáticos sobre o número de aulas dadas pelos professores nos anos de 2008 a 2011. Entretanto, alguns dados estão disponíveis nos relatórios de campo de 2008 e 2009 (aqui o exemplo dos professores contratados):

	Carlos	Resende	Tomé	Kolowa	Lukas	Maito	Marinaldo	Naldo	Sasaná
	<i>Auaris</i>	<i>Auaris</i>	<i>Auaris</i>	<i>Katonau</i>	<i>Olomai</i>	<i>Olomai</i>	<i>Kolulu</i>	<i>Polapiu</i>	<i>Kalisi</i>
2008	X	X	X	75	88	55	X	99	42
2009	39	34	62	50	X	35	53	50	X
2010	sem dados								
2011	sem dados								

Segundo os assessores do PEY, a escola de Auaris (Helepe) parece funcionar menos⁵³ e servir, sobretudo, de balcão político para conseguir mais apoio material (ISA, SECD); já nas outras comunidades, como Katonau, Polapiu, Kolulu e Olomai, as atividades escolares parecem um pouco mais dinâmicas e não sendo usadas

⁵⁰ PPP, censo escolar, listas de frequência, etc.

⁵¹ “(...) buscamos investir menos nas atividades formalistas escolares – na contramão das expectativas da maioria dos professores sanõma – e mais em pesquisas e promoção cultural” (V. Albernaz Coelho, 2011.1).

⁵² “Impressões” fundamentadas em conversas com a equipe do PEY e visita in loco, já que não foi possível dispor de levantamento das aulas dadas.

⁵³ Moises de Auaris, citado em relatório de 2011 : “tem escola mas não funciona direto, os alunos não vem. Porque está assim ? (...) porque não tem merenda (...)” (V. Albernaz Coelho, 2011.2).

tanto como palco de negociação interétnica. Entretanto, a escola de Kalisi, comunidade conflituosa, está desativada e Häwäma, de difícil acesso, recebeu apenas uma visita do PEY em 2011, permanecendo como uma escola em potencial.

A distribuição dos alunos nas seis escolas era a seguinte em 2009 (censo escolar 2009) :

	<i>Auaris</i>	<i>Katonau</i>	<i>Olomai</i>	<i>Polapiu</i>	<i>Kolulu</i>	<i>Kalisi</i>	Total
EF	55	40	23	16	43	13	190
EJA	29	17	17	21	33	15	132
Total	84	57	40	37	76	28	322

A razão do dinamismo (relativo) das escolas do Auaris, pelo menos entre 2008 e 2010, tem certamente relação com o fato de que a presença do PEY era ainda recente (e promissora) e que a escola era vista pelos Sanöma (mais explicitamente que em outras áreas) como um vetor político de vinculação com os Brancos⁵⁴ e como um balcão privilegiado para todo tipo de demandas econômicas : *“Não tem terçado nem lima, como vamos fazer roça ? Não tem (professor) contratado para descer para Boa Vista e comprar porque não tem escola. Por isso as crianças não crescem!”* (Nelson, Kolapoipu, aldeia sem escola - relatório V, Albernaz Coelho, 2011.2). Isto sem contar, é claro, a dimensão de rivalidade política/cultural tradicional com os vizinhos Ye´kuana e sua escola modelo (assim a CCPY/ISA foi induzida a construir, em 2008, um “centro de formação” sanöma, em moldes muito semelhantes aos da escola Ye´kuana).

Entretanto, uma vez que o efeito de novidade se dissipou e que foram devidamente testados os limites dos recursos materiais, diretos e indiretos, do ISA, é bem possível que este dinamismo enfraqueça rapidamente, como deixa temer o último relatório de campo na região, no qual se menciona : *“(...) os inúmeros pedidos para os ‘chefes do ISA’ e solicitação de auxílio para produção de documentos para secretaria pedindo merenda, uniforme e materiais”,* e conclui: *“Já as escolas,*

⁵⁴ Os novos Brancos do cardápio regional que são as equipes da CCPY/ISA, recém chegadas depois de MEVA, FUNAI, Exército e FUNASA/SESAI.

enquanto isso, estão praticamente paradas. “ (V. Albernaz Coelho, setembro de 2011.2).

Proficiência na escrita :

A alfabetização da população das 4 comunidades onde foi possível realizar a pesquisa⁵⁵: Auaris, Katonau, Olomai, Kalisi - avaliada de acordo com os nossos 5 níveis de proficiência na escrita⁵⁶ - apresenta porcentagens de população alfabetizada em nível 5 muito mais baixas (entre 5 e 7%) que nas outras áreas do PEY. Estes números são unicamente comparáveis àqueles das aldeias recentemente chegadas da Venezuela na região de Toototobi (Xiroxiropiu, Amahiki), o que é condizente com a curta duração do trabalho do PEY na região de Auaris e a formação mais fraca de seus professores:

	Auaris	Katonau	Olomai	Kalisi
5	19(7,06%)	9(5,33%)	7(7,29%)	9(5,59%)
4	10	14	3	10
3	39	19	6	3
2	28	31	9	26
1	173	95	71	113
Total pop.	269	169	96	161

Em Auaris, a faixa etária mais alfabetizada em nível 5 de Auaris é a dos 20-24 anos (nascidos entre 1987 e 1991) - com apenas 26,5% - que tinham entre 15 e 20 anos de idade em 2002, quando abriram as primeiras escolas da URIHI na área. Todas as faixas etárias de Auaris são visivelmente menos alfabetizadas que nas outras áreas do PEY. Entretanto, na faixa dos 0-9 anos a proporção de alfabetizados em nível 2 (alfabetização incipiente) é encorajadora: 24,5%, o que não fica longe de Toototobi (28%) e é muito melhor que no Papiu (6,25%). Uma proporção importante

⁵⁵ Infelizmente, não foi possível obter dados confiáveis de Kolulu e Polapiu durante a avaliação.

⁵⁶ 1 - não escreve nada; 2 - escreve palavras; 3 - escreve frases; 4 - escreve uma pequena carta (meia página); 5 - escreve bem.

dos 10-14 anos é também alfabetizada em nível 2, com uma percentagem (47%) que também não está tão longe das outras áreas (entre 50 e 59 %).

Problemas identificados: subdimensionamento do PEY e demanda econômica “pedágio”

Vários dos problemas já discutidos afetam também as escolas da região de Auaris, como a falta de apoio dado às escolas pelas SECD (material escolar, equipamento das salas de aula, etc.), a falta de material pedagógico em língua local e a vontade da juventude de poder estudar o Português (e de muitos terem o desejo imaginário de imitar os Ye´kuana e de “virar branco”). Além disso, a necessidade de assessoria pedagógica em campo se faz sentir ainda mais intensamente nesta área onde a formação dos professores é ainda bastante rudimentar e a intervenção do PEY muito recente. Existe também na região o mesmo problema de falta de perspectivas abertas pela escola para os seus alunos avançados, problema aparentemente “solucionado” pelo alistamento massivo dos alunos de EJA no quartel (!)⁵⁷. Não faltaram também, aqui e acolá menção a conflitos pessoais, “problemas de mulheres” e até, ocasionalmente, de bebida (caxiri).

Finalmente, a “comunidade” de Auaris (270 pessoas), parece um vasto agregado social constituído pelas perspectivas de acesso às mercadorias/empregos dos Brancos próximos. Nesse contexto, as estratégias competitivas entre facções/famílias parecem muito contribuir a relegar as preocupações sobre a formação e os conteúdos escolares no segundo plano. Porém, apesar de tudo, na região como um todo, os maiores problemas parecem residir mais nas condições de intervenção do PEY no campo do que no funcionamento das escolas indígenas em si.

De fato, a primeira observação da avaliação é de que existe localmente, apesar dos esforços dos assessores, uma enorme discrepância entre a demanda escolar da população, envolvida num intenso processo de mudança social, e os recursos humanos e meios financeiros do PEY. A segunda observação é que a demanda econômica dos Sanöma, também considerável, tem prioridade sobre esta demanda escolar. Em realidade a temática escolar parece ser muitas vezes um

⁵⁷ Entre as 19 pessoas de melhor nível de alfabetização (nível 5) de Auaris, 3 são professores, 2 AIS e 5 entraram ou vão entrar no serviço militar.

“gancho” ou um idioma político interétnico para veicular as demandas econômicas prioritárias porém menos palatáveis para os Brancos (para o discurso indigenista de *empowerment*, pelo menos).

Entre as várias demandas materiais veiculadas como pano de fundo das conversas sobre as escolas (merenda e material escolar, fardas, equipamento das classes e ferramentas, viagens e cursos, salários e contratações) a mais presente é a demanda de apoio alimentar. De fato o rápido crescimento da população da área⁵⁸ e sua sedentarização nos entornos dos postos dos Brancos provocou, ao longo das últimas décadas, uma séria e crescente dificuldade na obtenção de fontes protéicas para as comunidades. Resumindo, através das palavras dos Sanõma : “*estamos muito numerosos na região, cercados*” “*aqui estamos na mão dos Brancos*” (Paulo Ilo, Auaris), “*falta caça, ficou muito longe*” (Silas, Katonau). Por isso, uma vez produzido o discurso “oficial”⁵⁹ sobre a escola e o *empowerment*, são insistentes os pedidos de projetos de piscicultura e de criação de galinhas : “*temos muitos professores e alunos e continuamos a sofrer, porque ? salaka kalaka (peixe galinha)! salaka kalaka ! salaka kalaka ! é isso que queremos mesmo !*” nos foi martelado com ênfase teatral (e uma satisfação irônica pelo trocadilho) por Moises em nossa reunião na escola Helepe de Auaris.

Assim, o PEY é constantemente compelido a entender que existe uma condição implícita para seu funcionamento na região: responder, paralelamente, à demanda de projetos econômicos – alimentares - na área. De fato, a estratégia dos Sanõma esta funcionando razoavelmente bem: além do apoio pedagógico da CCPY em 2005, realizou-se um levantamento socioambiental em 2007, iniciou-se em 2008/2009 um projeto de piscicultura e de sistemas agro-florestais e, em 2011, muito do trabalho do PEY foi, como vimos, dedicado mais às discussões sobre territorialidade e acesso aos recursos, incluindo o registro de inúmeras demandas para SECD, SESAI, ISA, do que ao funcionamento das escolas propriamente dito.

Entretanto, a aceitação desta demanda alimentar genérica - “demanda pedágio” - como condição implícita de funcionamento das escolas e do PEY parece novamente, numa área tão grande e populosa, bastante problemática em função dos meios (humanos e financeiros) reduzidos disponíveis tanto para o PEY quanto

⁵⁸ A população Sanõma da região que era de 296 pessoas em 1974 e de 1 782 pessoas em 2007 passou hoje a um total de 2 406 pessoas.

⁵⁹ O discurso veicular que efetiva a articulação interétnica, i.e. o discurso que os Sanõma pensam, com certa razão, que os Brancos gostam de ouvir deles.

para o projeto de Gestão territorial (GT) do ISA (ambos projetos tendo ainda envolvimento importante em outras áreas da TIY : o GT no Ajarani e o PEY em 6 outras regiões, algumas já abandonadas desde 2009-2010 pela mesma razão, como Parawau, Kayanau e Alto Catrimani).

Toda nova instituição indigenista trabalhando em Auaris é confrontada com a mesma demanda. Foi o caso da URIHI no começo dos anos 2000, ao ponto de suscitar a realização de estudos médico-nutricionais. Nestes estudos não foi detectada subnutrição condizente com a queixa generalizada e enfática de “falta de comida” na região. O que acontece, em realidade, é que o acesso à caça é cada vez mais difícil na área, como observou Silas acima⁶⁰. A relação entre tempo/produção de proteínas sendo cada vez mais desfavorável (custosa em tempo de trabalho) se cria na população, em função de um padrão de produtividade e de alimentação tradicional defasado, um sentimento crescente de raridade (que é sempre uma construção social)⁶¹.

Assim, tentar resolver um problema de tal magnitude - e com raízes históricas, socio-culturais e ambientais tão complexas -, improvisando ações paliativas a reboque de uma demanda assistencialista de curto prazo parece estar fadada ao fracasso (como o projeto de piscicultura “coletiva” que virou criadouro de mosquito uma vez todos os peixes comidos). Ter uma intervenção realmente relevante em Auaris imporia meios que o PEY e o GT não dispõem na sua configuração atual, implicaria também um projeto específico, mais bem definido e delimitado (a partir de estudos sócio-políticos, etno-geográficos e ecológicos aprofundados) e inteiramente dedicado à região, em longo prazo, tanto na educação quando na área ambiental.

⁶⁰ Ver diagnóstico socioambiental CCPY de 2007 pp. 60-62. O acesso a parcelas de florestas para roças começa também a ser um problema para as aldeias de Auaris e Katonau.

⁶¹ Como bem observaram os assessores que trabalham na área, as fontes de proteínas alternativas a caça são numerosas, mesmo se menos valorizadas culturalmente.